

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

***Sub Grupo História Oral***

***A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas***

**YOLANDA DE CARVALHO TORRES**

***Belo Horizonte***

***Minas Gerais***

## Traços Biográficos

### **YOLANDA DE CARVALHO TORRES**

*Nasceu em Belo Horizonte em 25 de maio de 1908. Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi de 1933 a 1936.*

*Desde moça tinha o desejo de trabalhar fora de casa, e o anúncio no jornal “acham-se abertas as matrículas na Escola de Enfermagem” chamou sua atenção. Era a oportunidade de cumprir sua missão na terra, porque para ela, a enfermagem era “fazer alguma coisa pelos outros”.*

*Ingressou-se na primeira turma, em 1933. Morou no Internato na Rua Estevão Pinto para facilitar o cumprimento dos horários das aulas que eram muito rigorosos. Participou de várias festas no Internato, como a festa da comadre, a festa da, “dama da lâmpada”. Teve suas aulas teóricas na Faculdade de Medicina, ministradas pelos professores desta escola. Participou da solenidade de imposição de insígnias recebendo a braceira com uma cruz vermelha, o uniforme e o véu, o que marcava a ida das alunas par as aulas práticas, nas enfermarias. Fez estágios no Hospital São Vicente, na Santa Casa de Misericórdia, no Morro da Pedras. Era submetida a exame médico de 6 em 6 meses, costume da época para prevenção de doenças infecto-contagiosas, principalmente, a tuberculose.*

*A solenidade de sua formatura foi realizada no Instituto de Educação com a presença de Carlos Chagas. Nomeada pelo Estado, após formar-se, trabalhou como visitadora sanitária até sua aposentadoria. Participou de inúmeras campanhas de vacinação, “campanhas de enchentes, de doenças endêmicas”.*

*Acha que a enfermeira hoje é uma analista de saúde, uma intelectual que mexe com tudo, “menos com enfermaria, menos com doença”. Após a aposentadoria continua sendo a enfermeira de toda a sua família como sempre foi.*

## *SUMÁRIO*

### *LADO A*

Dados de identificação; sua família, irmãos, o fato de ser única filha mulher; sua vontade de ser enfermeira, de trabalhar fora de casa; sua experiência de seis meses no curso; sua opção definitiva pelo curso de enfermagem; a enfermagem na época para a sociedade; os motivos da opção pela enfermagem; a necessidade de fazer alguma coisa pelos outros; o fato de deixar emprego na Secretaria de Agricultura; o teste de admissão ao curso; a primeira turma com entrada de 21 alunas; os primeiros seis meses de aulas teóricas; a ida para as enfermarias; a turma de 21 alunas que só formaram 4; os motivos da desistência do curso; o trabalho pesado nas enfermarias durante o dia inteiro; sua ida para o Internato para facilitar o cumprimento dos horários; o trabalho particular feito pelas alunas para pagar o Internato; a condução e o uniforme; quem morava no Internato além das alunas; as normas de funcionamento; o jornalzinho e o Grêmio “5 prás 10”, fundado por Waleska Paixão; sua participação no jornal e na turma como “dama da lâmpada”; a festa da comadre; o namoro da alunas, sem proibição; o casamento de uma aluna na capela do Internato; as festas no Internato; as aulas ministradas na Faculdade de Medicina; os professores; as matérias estudadas; o relacionamento com os colegas e com os professores; a prestação de serviços à comunidade; a imposição das insígnias; as características e usos dos uniformes; sua participação em Congresso no Rio de Janeiro representando a Escola; a influência de D. Laís na divulgação da Escola; o trabalho das alunas no II Congresso Eucarístico Nacional; os hospitais utilizados como campo de estágio.

## **LADO B**

A suspensão de prova e punições; as doenças mais comuns na época; cuidados com crianças com pneumonia; a epidemia de tifo; a aluna que morreu de tuberculose; o exame médico obrigatório para as alunas; as virtudes de D. Laís; a solenidade de formatura com a presença de Dr. Carlos Chagas; a convivência e o relacionamento com as freiras; a saída de D. Laís da Escola; o início de seu trabalho como enfermeira visitadora; a rivalidade com as assistentes sociais durante o processo de trabalho; o trabalho da enfermagem não é reconhecido pelos próprios enfermeiros; o trabalho nas campanhas de vacinação; os locais/sede onde trabalhou; homenagem recebida pela Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn-MG, em 1963; sua participação como conselheira nesta Associação; a enfermagem de hoje.

**LADO A** no Internato

Sabiam onde, ficaram sabendo

GERALDA: D. Yolanda, nome da senhora completo?

YOLANDA: É isso, Yolanda de Carvalho Torres. Solteira, nascida em Belo Horizonte, dia, como é que?, dia 25 de maio de 1908. Moro aqui atualmente há mais de 40 anos nessa rua.

G.: ...há mais de 40 anos na rua Bicas, 334. D. Yolanda, como que, fala um pouquinho pra gente sobre a vida da senhora é, antes de fazer enfermagem. A infância, a adolescência.

Y: A minha vida foi sempre igual a moça comum de antigamente, né? Sempre vivi em casa, era filha única. Única não, tinha outros irmãos; mas de mulher era só eu, né? Então, não tinha obrigação nenhuma não. Eu mesma que quis ser enfermeira por vontade própria. Eu mesma que tive a idéia. Fui fazer uma, uma, um concurso pra fazer uma na Secretaria, e vi no jornal: “Acham-se abertas as matrículas na Escola de Enfermagem”. Então eu fui, fazer a matrícula. Aí quando a, a diretora falou assim: “Ah!, mas você tem que ficar por conta do, do serviço, né? da Escola”. “E você precisando de trabalhar, em termos de trabalhar você não pode fazer, não é? A não ser que você pare com o serviço”. Então eu fiquei assim pensando: então eu vou. Ela falou assim: Você experimenta, faz assim uns seis meses, faz um estágio, depois se você conseguir você vê, se você gostar ou não”. Eu fui num, eu deixei, Ne? Fui fazer. Eu fiz a matrícula e fui experimentar. E lá em casa o pessoal falava assim: “Ah, não vai ser enfermeira não. Vai trabalhar, vai arrumar um serviço para você trabalhar”. Porque começou na época que as moças começaram a trabalhar na Secretaria, nessa época. Aí meu pai não queria não, mas depois que ele morreu, né?, que ele faleceu, foi que eu fiz essa, é essa escolha eu fui, fui trabalhar na Escola. Fiz matrícula na escola. Aí eu fiquei tra, estudando na Escola. Eu estudava de manhã até a tarde. Era o dia inteiro. Não tinha parada não. Aí eu fiquei de, dentro da matrícula, até janeiro, porque eu fui em agosto, né? Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro. E em janeiro é eu, que foi definitivo. Que eu fiquei definitivamente, como enfermeira. Aí eu resolvi ficar. Preferi, optei pela Enfermagem. Aí, tudo pra ser enfermeira. Aí eu fiquei, ganhei uma bolsa de estudos pra, pra participar do curso, né?, pra ficar lá. Então eu fiquei

internada, no Internato da Escola. Aí, você sabe onde era o Internato, não sabe? Sabiam onde, ficaram sabendo onde é que ficava o Internato?

G.: Nós sabíamos.

Y.: Lá na rua Estevão Pinto, não é? Estevão Pinto.

G.: A senhora, nessa época foi a rua Estevão Pinto, que a senhora morou?

Y: É, é.

G.: Antes de chegar no Internato a senhora disse que o pai da senhora não, não queria que a senhora fizesse enfermagem.

Y: Não, não queria que eu trabalhasse fora...

G.: Qual que era a razão? Como a enfermagem era vista naquela época que a senhora começou?

Y: Ah, todo mundo achava que era uma profissão muito feia, muito ruim. Achavam que não tinha valor nenhum, que ninguém reconhecia, né? E era mesmo, né? Não era reconhecida mesmo não. Até hoje não é muito não.

G.: É, a senhora disse que é, nessa, nessa época, na década de 30, que foi o período que as mulheres começaram a sair para trabalhar. Tanto que a senhora queria sair para trabalhar também?

Y.: Também.

G.: E resolveu fazer enfermagem. Viu a notícia no jornal. Ou tem mais alguma coisa que motivou a senhora a fazer?

Y: Não, é que eu que eu sempre gostei de fazer alguma coisa para os outros, não sabe? Eu gostava sempre de... A gente vem no mundo para fazer alguma coisa. E não é fazer só para a gente. A gente tem que fazer alguma coisa. Se não fizer nada, como é que faz? Pra gente não adianta. A gente tem que fazer pra gente, a gente tá vivendo, não pode morrer! Então tem que fazer alguma coisa. Então faz alguma para os outros também., né? Eu tinha muita vontade. E tinha uma velhinha, nossa vizinha, que era muito boazinha, ela chamava..., não sei o nome dela não, mas nós chamávamos de Dindinha, e ela ficou doente, então nós começamos um trabalho pra tratar com ela. E eu fiquei, gostava muito de fazer isso, sabe? De tratar da Dindinha. E por isso que mais me, me, me interessou mais pra tratar dos outros foi por causa disso né? A gente

tem que fazer alguma coisa pelos outros, né?, pelas pessoas. Eu gostava muito de ser enfermeira.

Valda: Antes de, da senhora começar a fazer o curso, a senhora já trabalhava em outra coisa, um outro serviço?

Y: Não, nunca tinha trabalhado em nada.

V.: A senhora já tinha feito qual...?

Y.: Eu ia fazer um concurso para a Secretaria da Agricult, antigamente era Secretaria do Interior. Mas eu, eu até fui, fui aprovada, fui chamada para o serviço e, e em janeiro, quando eu fui chamada para o serviço, então eu fui escolher: ou ia para a escola ou eu ia para esse serviço. Então eu fui e larguei o serviço e fui para a escola. E a pessoa que me fez, que, que me orientou para fazer o curso, ou o concurso, eu até me lembro no princípio: “Ah, eu arranjei pra você fazer o concurso!” Arranjou nada, o concurso era para todo mundo e você vai, vai ficar aí na Escola. Não precisa porque eu gosto de fazer. Lá na, na secretaria eu ia ficar só mexendo só com papel, com a burocracia. Então...

V.: A senhora chegou a fazer curso normal naquela época?

Y: Não, eu fiz curso profissional. Curso profissional.

V.: Antes do...

Y: É. Eu fiz curso profissional. Na Escola a gente fazia uma prova, né?, prá, de, como...

G.: Isso que eu ia perguntar pra senhora. A senhora disse que fez, tentou fazer seis meses de experiência para ver se faria o curso.

Y: Não, seis meses para mim fa, pra mim, se ficava no serviço, se eu, se eu me adaptava no serviço. Se eu, se eu gostaria de fazer.

G.: Ah, então foi seis meses no serviço da, no serviço!

Y: Nós não estudá..., estudando e trabalhando né? Não, porque eram seis meses de estudo, depois seis meses começava na enfermaria. Em janeiro é que nós fomos para a enfermaria para trabalhar no hospital. Por que no primeiro, logo que nós entramos nós fomos fazer o curso teórico. As primeiras aulas eram na Escola. Eram de 7 da manhã às 2 da tarde.

G.: Em que momento que a senhora fez o teste pra ver se ficaria ou não, como, como enfermeira?

Y.: Não, eu não fiz teste não. Aí eu não fiz teste não. Aí foi quando eu fui chamada pra o posto no concur..., o posto da Secretaria do Interior, eu fui chamada também pra, pra eles me falar se eu queria ou não continuar na escola. Eu falei que eu queria continuar na escola. Aí eu fiquei na Escola. Não, não voltei. Mas quando eu entrei para a escola eu fiz um teste antes de fazer, para entrar na escola.

G.: E como que era esse teste?

Y.: Era uma, uma prova de, espécie de vestibular, né?, era português, matemática, francês ou uma língua estrangeira, né?, e geografia, história.

G.: E nesse período teve muita concorrência, pra fazer esse teste?

Y.: Não, não teve não. Era muito pouca gente. Nós entram, nós éramos 21. Quando nós matriculamos nós éramos 21. Formaram 4. Todos foram saindo. Nesse estágio de janeiro, de agosto até janeiro.

G.: Por quê que a, porquê que a, que as alunas abandonavam o curso?

Y.: Ah, muito pesado. Elas achavam muito pesado. Por que antigamente não era feito hoje não, sabe? Antigamente a gente era tudo no hospital. A gente fazia da limpeza de chão, das camas, das, do resto das coisas, até os doentes. Até os doentes, sabe? Então a gente mesmo que fazia tudo. E era, era em seguida. Tinha os horários alternados. Mas era oito horas pra cada, pra cada turma. Três, três, três vezes oito, vinte e quatro, né? Quer dizer, são três turmas de oito horas. A gente ficava o dia inteiro.

G.: Dona Yolanda, a senhora disse que ficou um período no Internato. Por que...

I.: Não, não morei no internato não.

G.: A senhora morou no Internato. Por que a senhora foi morar no Internato?

I.: Eu fui morar no Internato para facilitar a vida, a vida da minha família. Por que eu, a minha mãe, eu se eu morasse em casa, eu tinha os horários muito apertados, né? E tinha que apresentar as coisas todas na hora, no horário e tudo. E eu não não tinha tempo. E lá na escola tinha tudo pronto, tudo na hora exata, né? Pra mim era mais fácil.

G.: E quanto, quem que pagava no Internato? A senhora pagava alguma taxa, pra morar no Internato?



Y.: Não, não. Era assim: eu fiquei trabalhando no hospital, fazia serviços. No princípio eu trabalhava, porque quer dizer morava, não pagava, nunca paguei nada. Mas depois a gente trabalhava no serviço particular, fazia serviço particular e o dinheiro que recebia ficava para a caixa da escola, para as alunas que precisasse. Porque lá tinha muitas sem pagar. Algumas sem pagar, inclusive eu, né? Então nós trabalhávamos assim. A gente trabalhava, recebia, a gente recebia por exemplo, condução, né? Uniforme também, a gente comprava assim, se precisasse. A gente pagava com serviço. Não era, não era obrigatório não. E também não ficavam cobrando, exigindo não. A gente fazia tudo assim.

G.: Além das alunas, quem mais morava no Internato?

Y.: Morava a diretora, né? A auxiliar da diretora e as, e as..., as professoras da escola. Como é que as? Como é que elas eram?

V.: Instrutoras?

Y.: Instrutoras.

V.: Quem era a diretora?

Y.: Dona Laís, né? Dos Reis, né?

V.: Dona Laís.

Y.: Era dona Laís que fundou a Escola. E com ela tinha dona Clitemnestra Pessanha. Depois com elas vieram, vieram as auxiliares, a dona Maria Rocha, Regina Rocha. Depois vieram mais outras. Vieram duas. Duas que eu não sei mais o nome delas. Carmem Mesantier, Flora Mesantier. Veio... Eu lembro só dessas. Tinha, teve, tiveram outras mas eu não lembro o nome delas.

G.: Dona Waleska?

V.: Ela foi da, da turma da senhora, não né?

Y.: Não. Ela foi depois.

V.: Foi depois.

G.: Quanto tempo a senhora ficou no Internato?

Y.: Ah, eu fiquei toda vida, desde que eu fui enfermeira eu fiquei até, até sair da Escola eu fiquei. Lá no departamento, voltei depois que eu já tinha me formado. Já tinha feito...

G.: Como era a vida no Internato?

Y.: Ah, era muito bom! Uma vida boa demais da conta! (riso)

G.: Como que era a, essa vida boa que a senhora tá dizendo?

Y.: Ah! Tinha muitas festas, né? Muito... Festa não, assim, muita brincadeira, as enfermeiras eram muito alegres, né? Tudo era muito cordato, tudo era muito calmo, paci... Tinha também a, a, aquela que tomava conta do hospital, a do hospital não, do Internato, a dona, a, dona Georgina Antônia. A gente falou? Falou essa?

V.: Hum, hum.

Y.: Jojoca, né?

V.: Jojoca.

G.: Jojoca.

Y.: E tinha a dona, tinha a dona... A, os, os criados. A dona [Zé Lazina]? O senhor, senhor Frederico. Eles eram os, os... Como é que que chamam? Os guardiões da escola.

V.: Era, era, era a segurança? Como se fosse?

Y.: Não, eles moravam, eles eram lá, eles trabalhavam lá. Ele, ele era uma espécie de caseiro, né? Era mordomo. Mordomo não, era caseiro.

G.: Caseiro mesmo.

Y.: E ela, e a senhora esposa dele, eles eram alemães. Então eles eram muito alegres, também muito bons. E a gente ficava muito à vontade na Escola. Não tinha...

G.: Quais, quais que eram as normas de funcionamento do Internato?

Y.: O Internato, ele fechava as 10 horas em ponto. Dez horas acabava tudo. Dez horas... Nós tínhamos um jornalzinho, que foi fundado na Escola, chamado "5 prá 10". Então esse jornalzinho chamava "5 prá 10", porque 5 para as 10 todo mundo tocava o sino. De manhã cedo, às 6 horas todo mundo...

G.: Por falar no jornal "5 prá 10", além do, tinha o grêmio, o Grêmio 5 prá 10 e o jornal 9:55?

Y.: É.

G.: Foi nesse período da senhora...

Y.: Foi uai!

G.: Quem que organizava esse jornal...?

Y.: Esse jornal era a Waleska. Dona Waleska. Dona Waleska tomava conta. Mas todo mundo cooperava, né? Cada um escrevia alguma coisa.

G.: E antes da Waleska entrar na Escola?

Y.: Não, não tinha não.

V.: Foi com ela que fundou o jornalzinho?

G.: O grêmio e o jornal foi com ela?

Y.: É.

G.: E o grêmio, quem fazia parte?

Y.: Ah, todo mundo. Todo mundo. Todas as pessoas faziam parte. Todas as pessoas.

V.: Todos as alunas?

Y.: É.

V.: As professoras também?

Y.: É, todo mundo. É tudo junto. Era uma amizade só.

V.: E a senhora chegou a escrever pro jornalzinho?

Y.: Escrevi (riso). Eu fui a dama da lâmpada.

V.: Da primeira turma?

Y.: Da primeira turma. Por que tinha, fazia a festa da, da comadre, a festa da, da...\*

Sabe como é que era a festa da comadre né?

V.: Não.

Y.: É porque as enfermeira entra, né?, vinha a festa da comadre (riso). Vinha a comadre cheia de flor, né?, pra enfermaria...

V.: Anh...

Y.: Isto era brincadeira, né?

V.: Anh, sei.

Y.: Então tinha essa... E tinha também essa, essa, a “dama da lâmpada”, por causa da Florence, né? (Florence Nightingale, precursora da enfermagem moderna). Da história da escola. Da escola não, da enfermagem. Então elas faziam, a aluna que era mais pontual, que era isto, que era aquilo, elas falavam que era eu...

V.: (riso)

Y.: Mas tinham outras também.

G.: Como era esta festa? Tanto da comadre quanto essa que a senhora foi a dama da lâmpada? Como que era?

Y.: Ah, a festa lá, homenageavam a gente, davam os parabéns, faziam discurso, né E to..., tinha piano lá. Tocavam, as moças tocavam (barulho, toque de campainha), dançavam, sabe? Essas coisas assim. Não tinha, não tinha... É, sempre havia brincadeiras lá. Sempre lá, sabe?

V.: É, esta festa da comadre, era tudo dentro do Internato mesmo? Entre as alunas? Qual era o motivo da festa da comadre, eu não entendi.

Y.: Era o problema da, da, do ser enfermeira, mexer com enfermaria, né? Mexer...

V.: Ah, por causa da comadre, de companheira do compadre, né?, do marreco (riso). Ah, entendi! E...

Y.: E não tinha rapazes, naquele tempo não podia fazer a festa do compadre, né?

V.: É (risos). E a festa da lâmpada era para a aluna mais pontual?

Y.: Era. É, diz que era da aluna melhor, das melhores. A, a, a que sobressaía da, entre as outras era ela [se referindo à aluna mais pontual].

G.: É, era uma coisa interna, né? Era uma festa só do internato?

Y.: É, é só nós, não tinha gente de fora não.

V.: Hum, hum.

Y.: Não tinha negócio de enfermaria, nem, nem. Tinha nem as... As externas tomavam parte, se quisessem ir à festa também iam, né, elas, elas também entravam na, na concorrência, né?

V.: Sei.

G.: Essa festa era feita todo ano, ou cada semestre, como é que era?

Y.: Ah, isto eu não lembro não! Por que depois de mim não teve mais nada, não me lembro mais de mais nada, (risos). Passou para outra e eu não sei quem foi a outra. Por que eu ficava na enfer..., no serviço, né? Eu gostava mais de ficar era trabalhando, do que ficar na escola mais...

G.: E no Internato, como que as alunas faziam para namorar, pra divertir?

Y.: Ah!, era nada..., normal. Normal, tudo era lá mesmo, no jardim da Escola, sabe? Saíam com os rapazes ali, iam no cinema, voltavam era com qualquer moça. Podiam

lembrancinha. Mas depois disso não tinha mais nada, não tinha mais nada...

entrar com os rapazes até na entrada, no jardim mesmo da casa, na época da senhora podiam ficar?

Y.: Podiam, podiam. Podiam sim.

G.: A senhora lembra de algum momento que depois é, eles passaram a, a proibir?

Y.: Não, ninguém proibiu nada não.

G.: No período da senhora não havia punição...?

Y.: (inaudível) já falou alguma coisa de punição?

G.: Não, não. É porque a gente tá querendo levantar...

Y.: Não, não tem não. Muitas casaram lá mesmo. Tinha uma até que casou lá mesmo, na capela da Escola. Por que na Escola tinha capela, né?

V.: Sim.

Y.: Tinha, tinha capelão. O capelão não morava na Escola não. Morava fora.

G.: Por falar em capelão, a senhora lembra de qual capelão que era?

Y.: Padre Álvaro.

G.: Álvaro Boaventura?

Y.: Álvaro Negromonte. Doutor Álvaro. Padre Álvaro (riso). Dr. Álvaro era o meu médico.

G.: E as férias? Onde a senhora passava as férias?

Y.: Ah, era lá em casa mesmo, aqui em Belo Horizonte mesmo.

V.: A senhora é de Belo Horizonte, né? Mas no tempo do internato da senhora, aquelas coisas de criança, né?, que adolescente faz, de, de transgredir, de quebrar as normas, como era no tempo da senhora?

Y.: Não, a gente não fazia não.

V.: Não tinha uns roubo de frutas assim, no tempo da senhora não (riso)?

Y.: Não, não. Não tinha não. Lá no Internato tinha, tinha uma piscininha pequena, sabe? Tinha uma, uma... Eles fizeram uma espécie de uma, puseram areia. Fizeram uma espécie de uma prainha, né?

V.: Hum.

Y.: E a gente brincava ali. Tinha, tinha bicicleta também, né? Tinha que, comemoração da Páscoa. Dona Laís comemorava sempre a páscoa, cada um se presenteava com uma lembrancinha. Na páscoa e na, na, qual era outra festa que tinha lá, interna? No dia do

aniversário da dona Laís também, que era diretora, a gente fazia festa. Quando as alunas faziam... No dia do aniversário da gente também elas comemoravam, faziam um jantar também mais, mais caprichado. Era assim, sabe?

G.: Dona Yolanda, de quem a senhora mais se lembra do internato?

Y.: Do internato? Da dona Laís. Ela é que era nossa amiga, a maior de todas. Ela que brincava mais, a gente que mais..., se entrosava com a gente, sabe? Ela era mesmo que mãe da gente, era, era tudo. Ela era uma pessoa fantástica.

G.: Tem algum fato assim, interessante que chamou mais a atenção da senhora durante a vida no internato?

Y.: Não. Tudo bom. Lembro, eu lembro quando eu trabalhava, mas isso foi depois, muito depois, muito depois dela que eu falei (riso), que eu falei uma, uma bobagem não é (riso)? Por que a dona Peçanha era muito boa, uma pessoa muito, excelente. Ela era instrutora da Saúde Pública. Ela era, de vez em quando ela trabalhava no hospital com a gente. E ela era muito exigente, muito mesmo! E rigorosa, muito, muito correta. Então eu, eu ficava implicando, achando que tava puxando demais. Então, então um dia eu estava conversando com uma colega minha, e eu estava eu e ela no, no... Isso não grava não. Isso aí tá... Isso aí é fora, né?

### *[INTERRUPÇÃO DA FITA]*

Y.: Tira esse pedacinho que eu comecei.

G.: Sobre as quatro que formaram, a senhora se lembra?

Y.: Foi Mirthes, Mirthes Cosque Andrade. Rosa. Não, da minha turma não. Rosa não é da minha turma não. Rosa é da minha turma depois. Mirthes, eu e Edelvira Costa Santos. Foram três.

V.: Só três.

Y.: É. Mirthes, Edelvira e eu.

G.: A Edelvira, a senhora... Dona Yolanda, vamos falar um pouquinho agora sobre o ensino, sobre a teoria. Como é que era dado a teoria, quem eram os professores, onde que era dada?

Y.: Era dado na Escola de Medicina. Os mesmos, os próprios professores da Escola de Medicina é que eram nossos professores, sabe? Então a primeira, as primeiras matérias eram é, microbiologia, fisiologia, anatomia. Ah, eram muitas matérias. Mais qual é outra?

G.: Quais a disciplina que a senhora gostava mais?

Y.: Ah! Eu pra mim, fiquei encantada com tudo, sabe? Com tudo. Tinh... Nós tínhamos direito também, sabe? Direito. Direito tinha. Mas era uma coisa eu, eu ficava boba. Para mim era mesmo uma, uma novidade.

G.: Tudo era novidade?

Y.: É. Eu gostava demais da conta (riso).

V.: Muito conteúdo novo, né?

Y.: E coisas boas, né?

G.: Então vamos falar um pouquinho da Escola como um todo, né? (inaudível) teve ensino, da teoria. E como era a vida na Escola, de uma maneira geral?

Y.: Na Escola e no serviço, ali era comum, como, como qualquer, como qualquer enfermaria.

G.: O relacionamento com...

Y.: Tudo.

G.: ...com os funcionários, com as colegas, com, com os professores.

Y.: Tudo muito bom, muito bom. Os professores eram muito bons, muito amigos. Os colegas, às vezes a gente tinha aula junto com os rapazes, né? E eles, eles eram muito amigos da gente eles eram muito bons.

V.: Estudantes de que curso?

Y.: De medicina.

V.: De medicina?

G.: Há..., Havia algum caso de transferência de aluna de curso? De enfermagem passar para medicina?

Y.: Não, não. No meu tempo não houve não. No meu tempo, que eu soubesse, não.

G.: Só as desistências mesmo, pra quê...? A senhora já disse porquê que elas desistiam. Mas elas iam fazer outro curso?

Y.: Não, que eu soubesse não. Sei que não tinham coragem de responder [o possivelmente dito], de ser enfermeira mesmo. Tinha uma, coitadinha. Ela falou assim: não era, não era brincadeira mesmo não, sabe?

G.: No princípio de Florence Nightingale se tivesse aí, nós não estávamos com antibiótico de quarta geração muito não (riso). Então, muita coisa que tem razão.

V.: A limpeza era muito rigorosa, né?

Y.: Era rigorosíssima E eu gostava. Também não me importava de fazer não. Por que se acostumava limpando, né?, não gosto de nada com a sujeira mesmo.

V.: Hum, hum.

G.: A senhora já falou anteriormente que a Escola prestava alguns serviços para a comunidade. A senhora quer falar mais um pouquinho sobre esta prestação de serviços?

Y.: Era, era serviço particular, né? Lá sempre tinham para enfermeira trabalhar, né? Então sempre tinham pessoas que queriam fazer o serviço. E eu, eu não gostava muito de fazer serviço particular não, porque é muito ruim, muito rigo... Assim, exigente, demais. Tem que dobrar, né? E a gente, e eu não ficava com uma preguiça muito grande.

V.: risos. organizava?

G.: A senhora passava a noite dando plantão?

Y.: Toda noite. Tinha, não era, conforme a casa que a gente fazia o serviço, tinha dia e noite, né? Tinha uma enfermeira do dia e uma da noite. A gente trocava. Vinha uma e depois vinha a outra. Um dia sim, um dia não a gente fazia à noite.

G.: O que era o “quarto coruja”?

Y.: Ah! Isto eu não me lembro não.

V.: Quando vocês voltavam do plantão, vocês ficavam onde?

G.: Pra descansar.

V.: Pra, pra descansar.

Y.: Eu dormia no meu quarto mesmo.

V.: De guarda ou não? Ou até as que não...



V.: No quarto mesmo, não é? É porque mais tarde foi criado um quarto que era “coruja”, para quem dormia de dia, porque dava plantão noturno. Pensei que fosse da época da senhora também.

Y.: Não, não foi da minha época não. Eu dormia no meu quarto mesmo.

G.: Dona Yolanda, o quê que era imposição de insígnias?

Y.: Imposição? Ah! Era quando nós recebíamos, em vez de receber o diploma, antes de receber o diploma, antes de ir para a enfermaria a gente trabalhava sem, só de, só com a roupa da gente. Então, no dia que entrava para a enfermaria, fazer, começar mesmo a iniciar, iniciar o serviço de enfermagem, a gente então recebia a brace..., o uniforme e a braceira e o véu. Então punha a insígnia.

G.: Insígnias então era...

Y.: Era uma braceira ... com uma cruz vermelha.

G.: Uma, uma braceira. Com uma cruz vermelha, um véu e o uniforme. Isso que era insígnia?

Y.: A insígnia era a braceira.

G.: E como era esta festa? Tinha convidados, como que era essa, essa solenidade?

Y.: Era, eram convidados, tinham convidados, né? Mas era dentro da Escola. Não, tinha separação não.

V.: Quem organizava?

Y.: Dona Laís.

V.: Dona Laís, a diretora, né?

G.: E sobre o ensino prático. Já que a senhora falou aqui, que vocês começavam a usar o uniforme, como era esse uniforme?

Y.: O nosso era azul claro, um véu assim, azul. E a braceira, azul com a cruz vermelha. Braceira azul não, era azul marinho. E, depois tinha um, um uniforme branco, com uma capa azul marinho forrada de azul claro. Vocês, vocês não chegaram a usar mais não, né?

V.: Pra que era esse outro uniforme?

Y.: Uniforme de gala.

V.: De gala. Quais as ocasiões que vocês usavam esse uniforme de gala?

Y.: Uniforme de gala, por exemplo, tinha festas, tinha, tinha solenidades, representar as funções em outros lugares a gente ia de uniforme de gala. Quando houve o congresso no Rio de Janeiro, esses congressos nacionais, não é?, a gente ia de uniforme de gala.

V.: A senhora chegou a participar de algum congresso?

Y.: Cheguei. Eu vou contar pra vocês. Eu perdi sabe o quê? Meu diploma, não sei onde foi parar. Ih!, a gente caduca muito (risos). E aí, num, num, mas não tinha uma porção de coisas que era da Escola. Tinha o jornalzinho, sabe? Onde que tinha esse negócio do meu, da dama da lâmpada; tinha a, onde que eu fiz a reportagem que eu tinha escrito no jornal; eu tinha tudo isso. Tinha a oração da enfermeira. Vocês têm a oração da enfermeira? Não tem.

V.: Lá na Escola tem um, tem uns jornalzinhos lá. Depois se a senhora quiser olhar.

G.: Quem sabe depois a gente olha com mais calma.

V.: É.

Y.: E aí eu fui, então eu fui no primeiro congresso. Quando eu estava na Escola eu fui com dona Laís, no 1º congresso do Rio de Janeiro, sabe? Desce aí Fofinha, desce. Desce aí querida, desce (falando com sua cachorra, que estava no seu colo). Ai, pronto! (risos). Deixa eu buscar pra vocês verem uma coisa.

### *[INTERRUPÇÃO DE FITA]*

V.: A senhora estava falando sobre o congresso internacional que a senhora participou.

Y.: É, esse eu fui no Rio. E aí eu fui representando a Escola de Enfermagem. Eu e mais uma outra colega. Eu e a Mirthes. Então nós fomos pra fazer. Por que ficava na exposição uma pessoa para dar explicação às visitas antes de chegar a turma. As informações, então...

V.: O quê que ficava exposto?

Y.: Os trabalhos, de Escola, né?, os, os... Por que a gente fazia modelagem também, sabe? Fazia é, peças.

V.: Que tipo de modelagem vocês...

Y.: Fazíamos na, na anatomia. Na, no curso de anatomia fazia, né?, os ossos, a ...

G.: ...faces.

Y.: Faces, as dentaduras, o, o útero, as, as, os pulmões, o fígado, tudo. A gente fazia modelado.

V.: Ah!

Y.: Então expunha também, né? Muitas coisas eram os trabalhos, que a gente expunha na, na, ca... Cada Escola mandava a sua representação, né? Então nós fomos também. Fizemos parte. Isso aqui que punha na, na braceira, sabe? (mostrando um broche).

V.: Esse broche. Está escrito, deixa-me... “Escola de Enfermagem Carlos Chagas, Minas Gerais”. É um broche azul, amarelo, e uma cruz vermelha e o, e o Brasil, um mapa do Brasil bem no centro.

Y.: É.

V.: Muito bonito. Esse é que colocava na braceira?

Y.: Esse é que colocava na braceira com o broche. Vou mostrar o meu uniforme assim ó (fazendo gesto para mostrar). Eu sempre usei ele. Tanto que ele tá até velhinho. Mas eu tinha era o, o do congresso. Esse aqui era que eu ganhei de, de, lá na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem], lá na Associação.

G.: Dona Yolanda, falando da participação da Escola em eventos, e a senhora já foi até representando-a nesse congresso. Como que a Escola era notícia? Como que ela conseguia ser notícia nos jornais?

Y.: Não, sabe? Não tinha notícia não. Isso é porque dona Laís era, tinha comunicação lá no Rio, né? Então vinha um comunicado pra ela. Depois começou a apa..., a, a. Todo mundo saber que tinha enfermagem aqui na Escola. Tinha escola de enfermeira. Aí começaram a, a vir.

G.: É, em 1936 houve um congresso...

Y.: Eucarístico.

G.: Eucarístico. II Congresso Eucarístico Nacional. Qual, como que foi a participação da Escola em benefício desse congresso? A senhora lembra?

Y.: Nós fizemos a, a, a assistência às pessoas. Prestamos socorro às que precisassem, né? Foi, foi a enfer..., foi ambulância. Como é hoje, quando vai a...

V.: Comissão de saúde, não é?

Y.: É. Nós fizemos isso lá. E representamos também a Escola, né?

G.: Voltando ao ensino prático. A senhora falou como era o uniforme e tudo. Onde que se faziam os estágios? Em quais hospitais?

Y.: Hospitais? Bom, antigamente no São Vicente, Santa Casa, São Lucas, Imaculada Conceição. Morro das Pedras, o Hospital Minas Gerais.

V.: Qual que é o Hospital Minas Gerais?

Y.: Ele já acabou. (risos). E Hugo Werneck. E Hugo Werneck também.

G.: Na Santa Casa, o estágio lá, em, em 35, em 1935, parece que a diretora da Escola teve algum problema com o provedor da Santa Casa. A senhora lembra dessa época?

Y.: Não. Não lembro não.

G.: Parece que os estágios foram rompidos lá na Santa Casa.

Y.: Não, não foram não. Não foram não. Acho que não. Quem falou isso? Não tem não. Que eu me lembre, não teve nada disso não! Tanto que nós; eu fiz os estágios, nós fizemos todos lá!

G.: Não foi na época da senhora.

Y.: É.

G.: Qual o estágio que a senhora mais gostou?

Y.: No Pronto Socorro também, sabe?, nós trabalhamos.

V.: No Pronto Socorro, né?

G.: Qual o estágio que a senhora mais gostou?

Y.: Ah!, eu pra falar a verdade, gostei foi de todos. Eu gostei muito de, do, do Pronto Socorro. Trabalhei mais no Pronto Socorro, e com tuberculose, sabe? No hospital de tuberculosos.

G.: Algum paciente em especial?

Y.: Não. Todos, todos, todos.

G.: Algum fato marcante, durante o estágio?

Y.: Ó, eu, no hospital, comigo não, mas em relação ao serviço, tinha um doutor, um médico que era muito, muito nervoso, muito, muito bom médico, que eu ficava impressionada. Toda vez que ele estava de plantão, só vinha caso grave. Não vinha caso nenhum bom. Tinha um outro que só vinha caso bom pra ele, sabe? (inaudível) E esse que só os caso ruins, ele era de uma paciência. Ele era uma pessoa feito uma pólvora, mas era uma paciência! Tratava os doentes feito um santo. E coisas difíceis,

cirurgias difíceis, ele fazia com perfeição. Eu ficava impressionada de ver! Como ele era bom demais, Dr. José Neves. Já falecido.

V.: Ainda na época do, da, do, Eucarístico. Como é que chama? Congresso Eucarístico, teve várias coisas na Escola: teve peça teatral. A senhora lembra dessa época?

Y.: Lembro, lembro.

V.: A peça “A enfermeira e sua vida”, a senhora participou?

Y.: Não, não participei nessa peça não. Por que, nós deixamos os lugares para os hóspedes, né? As, as que, as internas deixavam os lugares para os hóspedes, que são os convidados. Várias pessoas.

V.: E vocês foram para onde?

Y.: Eu fui, eu fui para minha casa, né? Cada um pra sua casa.

V.: Ah, quer dizer que a Escola hospedou as pessoas que vieram para o Congresso Eucarístico?

Y.: É. E as alunas que ficaram lá, porque não tinham para onde ir, que não tinham família aqui, ficaram lá também. Então elas participaram.

V.: Elas que participaram mais. Então a senhora não participou das festividades do congresso.

Y.: É. A Rosa por exemplo, nunca foi interna não.

V.: É, a dona Rosa era externa.

I.: E ela participava. Por que ela tomava, ela vivia lá, né? Eu vivia mais nos hospitais. Vivia mais trabalhando. (inaudível, barulho), mais do serviço de fora.

G.: A senhora falou sobre o, o jornal “9:55” e sobre a Revista Mineira de Enfermagem?

Y.: Ah, essa eu nunca, nunca tive notícias dela não. Eu segui [o possivelmente dito] bem porque eu trabalhava na ABEn, né? Trabalhava não, eu fui sócia, né? Então elas mandavam pra gente.

G.: Houve algum período do curso da senhora que as atividades das aulas foram suspensas, por algum motivo, por alguma greve?

Y.: Não, nunca. No meu tempo não houve nada disso. Houve uma, houve uma suspensão de prova, porque a, a...

*[FIM DO LADO A]*

**LADO B**

G.: ...encontrou quando a senhora lendo a matéria.

Y.: A dona Regina, ela era, era...

G.: A dona Regina?

Y.: É. Que ela era, era... Como é que é que chamava?

V.: Profess... Não, instrutoras.

Y.: ...Instrutora, a dona Regina era instrutora. Então nós estávamos, todas tinham prova. E esse dia a, essa moça, minha colega, ia fazer plantão na Santa Casa e ela, a dona Regina me mandou que eu fosse fazer o plantão. Eu falei que não ia não, porque não era dia de meu plantão. E ela falou: “Mas todo mundo tem prova”. E eu disse: “Eu também tenho”. “Mas ela não pôde estudar”. “Eu também não pude”. Aí ela foi: “Ah, então a senhora vai porque a, a moça. Olha eu vou mas, a aí eu fui lá, saindo assim. Chegou lá e a, a dona Regina foi atrás. Chegou lá, eu lembro, lendo a prova. Decorando as respostas da prova. Aí suspendeu a prova, designou outra prova né?”

V.: Ah! E onde será que ela conseguiu a prova?

Y.: Isso eu não fiquei sabendo. Por que depois houve um inquérito, né? Mas ninguém ficou sabendo. A dona Laís tomou providências, mas não, não ficou...

V.: Essa aluna terminou o curso?

I.: Terminou, era muito boa aluna até, muito boa aluna.

V.: Ah! Teve algum caso de punição mais grave, alguma, alguma falta mais grave, que tivesse tido alguma punição no período da senhora?

Y.: Eu tive uma punição, porque estava trabalhando com as criancinhas na, na enfermaria de pediatria e era, tudo pequenininho né? E a gente não pode deixar coisas no lugar que a criança pega, né? Tem que ser em lugar bem alto, e eu deixei a bandejinha, porque tinha a bandejinha com os, os remédios todos com um bilhetezinho na hora, né?, com os nomes das crianças, com o número do leito e tudo. E, e uma pequenininha, chamava Rosinha, andava na enfermaria. Ela era mais grandinha, foi criada na enfermaria, morou. A mãe largou a menina lá, né? E aí eles tomaram conta

dela, era o, era o, como se diz, mascotinha, né? E, e uma criança lá com sede, fui dar água pro né. Deixei a bandejinha em cima da, da cadeira. Imagina, né?, que cabeça! E, fui dar água pro né. Quando eu voltei, ela falou assim pra mim: “Engoli tudo, engoli tudo, engoli tudo. Ô tia, engoli tudo.” Eu falei: engoliu o quê? Quando eu olhei ela bebeu os copinhos com todos os remédios, ó você imagina o meu aperto!

V.: E o quê que a senhora fez?

Y.: Eu corri e fui chamar dona Laís, né?, eu falei com ela (riso). Aí ela falou: “A senhora não vai dar remédio nos seis meses, sem, sem. “A senhora deveria deixar eu fazer agora todo dia, pra mim acostumar, né? Aí fiquei suspensa de, de dar, (riso) de trabalhar na enfermaria.

V.: E esse tempo que a senhora ficou suspensa, que outra atividade a senhora fez?

Y.: Eu trabalhava, só não dava remédio.

V.: Ah, na pediatria mesmo, só não podia dar medicamento?

Y.: É, mas dava banho, arrumava, dava a comidinha, né? Fazia tudo.

V.: A senhora lembra de alguma, da doença que mais acontecia na época? Quais as doenças?

Y.: Não, tudo igual.

V.: Que acontecia mais?

Y.: Não, tudo igual.

V.: Não tinha alguma...?

Y.: Pneumonia era comum. Tuberculose acontecia muito. E o resto era tudo normal. Não tinha diferença não.

V.: Como é que eram os cuidados de enfermagem? A senhora se lembra na época, como se fazia, por exemplo, para tratar pneumonia?

Y.: Ah, tinha é, é o envoltório quente, né?

V.: Envoltório. O que é envoltório quente?

Y.: É, é compressa de, de angu quente, ou mostarda, né?

V.: Angu, mos..., mostarda, essa mostarda que a gente come mesmo?

Y.: É, esse pozinho de por na comida.

V.: Pozinho de por na comida? Como é que fazia?

Y.: Ah, punha água, né? e enfia, fazia aquele chá forte. A mostarda mesmo eu nunca usei, mas eu fiz, fazia mais é com angu, né?

V.: Com angu. Fazia o angu...?

Y.: ...Bem molinho, bem molinho, né?, bem quentinho, punha na, numa, numa...

V.: Num pano?

Y.: Tinha um pano, um plástico, e tinha outro pano, e aí punha no plástico, na, na compressa, né? Punha um outro pano cima e punha no corpinho da criança. Deixava uns minutos e tirava.

V.: Tinha algum caso de queimadura, porque angu era tão quente, né?

Y.: Não, no meu tempo nunca teve não.

V.: Punha e tirava? Como é que...?

Y.: Punha 5 ou 10 minutos.

V.: Ficava 5 ou 10 minutos!

Y.: É, mas sempre tomava a temperatura com os braços, né, pra gente... Se a gente agüentasse, né? Por que se ficasse muito quente, não podia...

V.: Hum, hum. E colocava isso no peito da criança?

Y.: É, mas em cima...

V.: Da roupinha?

Y.: Tinha uma compressa também, né?

V.: Sei.

Y.: E uma toalha também, uma toalha felpuda. Tinha tifo também.

V.: Tifo?

Y.: Teve uma vez, epidemia de tifo, né?, na Escola, e as enfermeiras foram todas contratadas. No Colégio Santa Maria.

V.: Aqui em Belo Horizonte?

Y.: É.

V.: Algum caso de alguma aluna com a doença?

Y.: Não.

V.: De tifo não?

Y.: Não, de tifo não. Teve a, teve uma moça com problema (inaudível). Mas não foi na Escola não, ela já entrou. Aí quando foram descobrir era tuberculosa, e ela morreu.



V.: Essa aluna entrou, já com tuberculose e morreu durante o curso?

Y.: É. Mas ela morreu em pouco tempo. Logo no, no primeiro ano de estágio ela faleceu. Aí foi um caso sério, né?, porque dona Laís era muito boa, sabe? Ela gostava muito de proteger as pessoas, de fazer caridade. E como era difícil achar pessoas que queriam ser enfermeiras, quanto mais enfermeira tivesse, melhor né?, seria. Então essa moça era muito boa. Dona Laís pensou que ela fosse ser enfermeira. Era uma moça muito preparada, muito boazinha. Mas ela era fraquinha demais, não aguentou não. Já era, já era, né?, mas na ocasião em que ela se apresentou, não tinha nada, porque a gente fazia exames, né?, de saúde.

V.: Exame médico?

Y.: De 6 em 6 meses a gente era obrigada a fazer o exame médico na Escola. De 6 em 6 meses, todo mundo. Aí ela, coitadinha quando compareceu, já tinha, já tinha. Seis meses que ela entrou, graças a Deus, que ela entrou, já tinha, né?

V.: Já tinha passado. E ela era dessa primeira turma? Da turma da senhora?

Y.: Ela era da minha turma. Morreu antes de formar, antes da formatura.

G.: A dona Laís era uma mulher que lutou muito pela Escola. Nessa luta dela pela Escola, a senhora lembra da luta pela equiparação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas ao padrão da Escola Ana Neri? A senhora lembra dessa luta?

Y.: Lembro, mas, mas eu não sei o resultado não. Por que depois que eu saí, né? Fiquei fora mais tempo. Quem, quem ficou lá dentro foi Rosa, Elvira, essas pessoas, né? Primavera, vocês falaram da Primavera? Ela também era secretária.

V.: É, a, a Primavera já era do tempo da senhora?

Y.: É, era do meu tempo.

V.: Também era bom assim, a convivência com ela? Ela também morava na Escola?

Y.: Era. Morava na Escola. Muito boa moça. Uma secretária muito boa.

V.: Não tinha muita bri..., então não tinha briga de jeito nenhum, nessa época?

Y.: Não, na minha época não tinha briga não. Tinha só é, é coisa de colega com colega, né? Mas não tinha briga nenhuma não.

V.: Coisa mais séria não, né?

Y.: Não, não. Não tinha fuxico, como se dizia não.

V.: Não tinha fuxico, né?

Y.: Não.

G.: Como foi a formatura, sendo a primeira formatura da Escola? Como foi essa solenidade? O que a senhora se lembra?

Y.: Foi na Escola. Foi na Escola. Foi na Escola Normal, né? Na es..., no Instituto de Educação. E, e vieram, vieram pra, pra formatura, vieram as pessoas. Os, os, como é que chama? Aquele povo todo daquele... Dr. Carlos Chagas veio.

G.: Dr. Carlos Chagas.

V.: Dr. Carlos Chagas veio?

Y.: Veio, veio. Tinha a irmã (inaudível), que era a diretora do Hospital São Vicente, né? Foi também, tomou, deu sempre à, a Escola, né?, como se fosse o hospital. Por que a instrutora da Escola era (inaudível) do Hospital São Vicente. O Hospital São Vicente era ali no lugar que é, na esquina que é, que fizeram agora o Hospital das Clínicas. Ali era um hospitalzinho pequeno tinha mesmo. São Vicente de Paulo. Ali então é que era a Escola, que funcionava a diretoria da Escola.

V.: E como era a convivência com as freiras no período que a senhora era aluna?

Y.: Ah!, boa, muito boa. Eu conheço elas até hoje. É certo que já tem muito tempo que, eu não vejo, a irmã Eugênia, né?, ela é viva. Irmã Matilde foi embora. Irmã Vicência eu acho que faleceu, era muito boa. Elas ajudavam muito a gente e a gente ajudava muito a elas. Pra elas era bom.

G.: Depois da formatura a Escola continuou sendo alguma referência para a senhora? A senhora continuou indo na Escola?

Y.: Fui muitas vezes. Depois é que dona Laís foi embora, passei a trabalhar em Saúde Pública, eu não fui mais.

V.: A senhora se lembra desse período que a senhora voltou e que a Laís ainda estava na Escola, porque que ela foi pra, saiu da Escola?

Y.: Dona Laís?

V.: É.

Y.: Ah, por motivo de doença, eu acho.

V.: Doença dela?

Y.: Eu acho que foi, não tenho certeza não. Por que ela morreu logo, né? Não, foi muito tempo depois.

V.: Quem ficou no lugar dela depois foi...?

Y.: Foi Rosa e Waleska, né?

V.: E Waleska, Né?. E nesse período da, da, da Waleska a senhora também não, aí a senhora não frequentou mais a Escola?

Y.: Não.

G.: A senhora se sentiu preparada para trabalhar depois de formada?

Y.: ...Ah, por certo, a gente trabalhava muito.

G.: A senhora se sentiu preparada pra, pra enfrentar o serviço?

Y.: Sentia, sentia sim.

V.: Taba prontinha. Taba, tinha estudado direitinho e estava pronta para começar a trabalhar?

Y.: É. Eu sempre trabalhei muito. Gostei muito...

G.: Como foi essa vida da senhora, de enfermeira, primeiro emprego?

Y.: Não, eu já comecei a trabalhar já dentro da Escola mesmo, né? Antes, antes de eu, de eu, quando eu tirei o diploma eu recebi, eu fui nomeada enfermeira de Saúde Pública. Então fazia visitadora, era enfermeira visitadora, como é hoje. Hoje, hoje quem faz isso hoje, acho que não não é a enfermeira mais não, mas é a Assistente Social, né? Tem a visita domiciliária, o serviço interno eu sei nós fazíamos (trecho inaudível devido a sobreposição de vozes). Então começou aquela rivalidade, né?, porque as Assistentes Sociais, quando elas inventaram também a fazer a escola delas. Então começou a ficar, aí acabou. Não sei por causa de quê acabou. Aí ninguém gritou mais, e eu também me aposentei, e acabou.

V.: Mas este primeiro emprego da senhora, quem foi que arrumou?

Y.: Já, já era, já saí da Escola como diz...

V.: Com o emprego certo?

Y.: É, já, já nomeada no Estado. Deve ter sido dona Laís, porque foi um intermédio dela, né? Por que é ness, nessa época o doutor, não, não sei se era ele não, mas quem, quem fez, eu lembro que quem fez a Escola passar de escola média para escola superior, escola federal, né?, foi o doutor, foi o doutor Magalhães Pinto, este que morreu agora. Foi ele que fez a Escola. Mas a pedido de uma moça que era nossa colega, que morreu também. A Clélia.

V.: Clélia Pinto.

Y.: É, ela que trabalhou para isso. Foi ela...

G.: A senhora se lembra que época foi essa?

Y.: Não, não lembro. Foi, não lembro não. Mas eu lembro que foi ela que, foi ela que trabalhou, ela fez muito pela Escola, essa menina. E ninguém reconheceu. Ninguém reconheceu o serviço dela não. Ninguém reconheceu o serviço dela. Fez muita coisa pela Escola. Aliás ninguém reconhece nada não, sabe? As enfermeiras mesmas são umas que não ligam umas pras outras, né? Eu falei, já vi isso tudo. Ela, ela num... Outro dia mesmo elas fizeram uma, uma, uma, eleição lá na, na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem], e queriam os votos pra ganhar uma, uma... Então lembraram de pegar as aposentadas, as enfermeiras aposentadas. Então me pediram pra mim, não sabe?, ir lá e tal. Me trataram muito bem. Pensando bem coitatinhas, elas são muito boazinhas. Mas acontece que isso acabou e morreu. (riso). Elas ganharam as eleições, pronto acabou tudo (risos). Ficou por isso mesmo.

G.: Depois de, da senhora ser, visitadora sanitária, que mais cargos a senhora ocupou?

Y.: Não, depois eu fiquei só nisso. Não voltei mais na Escola. Não quis trabalhar.

G.: A senhora se aposentou como visitadora mesmo, como enfermeira.

Y.: Agora é analista de saúde. Não sei o quê que é analista mesmo (risos).

G.: A senhora quer falar mais alguma coisa, sobre essa vida da senhora como enfermeira?

Y.: Não. Gostei muito sabe? Tenho muita saudade. Se eu pudesse eu começaria tudo de novo. Ia ser enfermeira mesmo. Se eu pudesse saber, que eu fiquei sabendo depois, fazia logo assim no princípio, né?

V.: É, a senhora foi da primeira turma, não tinha nem jeito de fazer antes (risos).

Y.: Mas se eu fosse fazer outra vez, eu faria...

V.: Faria de novo, né? É, sobre o... A senhora trabalhava onde, no tempo de enfermeira de Saúde Pública? Quais os lugares que a senhora trabalhou.

Y.: Que eu trabalhei?

V.: É.

Y.: Aqui em Belo Horizonte mesmo. Mas trabalhei também nessas campanhas de vacinação, de enchentes, socorros de urgência. Essas coisas assim.

V.: Alguma dessas campanhas de enchente, de, dessas doenças endêmicas que a senhora participou, a senhora se lembra?

Y.: Ah, muitas né? Eu estive em Pedra Azul, estive em...que mais...

V.: Que tipo de, nessa por exemplo de Pedra Azul? Ia um grupo... Iam outros profissionais também?

Y.: É, ia.

V.: O que vocês faziam lá?

Y.: Era vacinação. Vacinação.

V.: Vacinação em massa, né?

Y.: E tinham umas pessoas que iam fazer palestras também, sobre, sobre (inaudível).

V.: Saúde...?

Y.: Sanitária. Não sei, educação sanitária. E, e, e a gente fazia. Fui também, fui em muitos lugares.

V.: Qual? Aqui em Belo Horizonte a senhora trabalhava no Carlos Chagas? Naquele posto ali do Carlos Chagas, na Ezequiel Dias?

Y.: É, eu trabalhei.

V.: Era ali que a senhora trabalhava?

Y.: Não. Eu trabalhei na Rua da Bahia, em frente ao Colégio. Quando eu trabalhei na rua, na Rua da Bahia, ali na esquina, que é depois do Colégio Coração, Imaculada Conceição, na esquina. Tem um banco hoje ali. Alí era um prédio. Ali era a Escola de... Ali que comecei a trabalhar, enfermagem visitadora, ali na esquina. Depois passou pra, pra Avenida João Pinheiro, num, num, num prédio na Avenida João Pinheiro. Depois passou lá pra (inaudível), em frente ao Colégio Izabela Hendrix. Agora é uma biblioteca. Depois voltamos para o Campos Sales, alí, na..., na, na Álvaro Celso. Depois é que passou para a Ezequiel Dias. Aí eu aposentei na Ezequiel Dias.

V.: E quais as colegas que a senhora trabalhou junto, durante o tempo de formada, que foram da, formaram na Escola também?, que a senhora ainda convive com elas. Quais essas pessoas?

Y.: Oh, atualmente tem a, tem a Ilma. Ilma Vieira Leme do Vale, Maria Flor de Maio Campos. Tem a Maria José Paixão. Tem Maria José Cruz Homem. Tem... Ah, tem muitas. Florentina, mas não sei o sobrenome da Florentina.

V.: Hum. A senhora falou e nos mostrou aqui, inclusive, uma homenagem, uma medalha, que a senhora foi homenageada pela ABEn em 1963. Fala pra gente sobre isso.

Y.: Mas isso eu não me lembro, sabe?, quem foi que organizou isso não. Eu fui chamada de surpresa.

V.: Foi de surpresa.

Y.: “Olha, a senhora comparece aqui que tem uma, uma..., precisava falar um negócio com a senhora. É aniversário da Escola e tal. Gostaria que a Antílopes também comparecesse”. Então eu fui lá na Escola... Então eu fiquei muito satisfeita, né?

V.: Ah! Foi no aniversário da Escola. A senhora chegou a participar de alguma diretoria da ABEn?

Y.: Não, não. Conselheira, essas coisas, eu sempre fui, né?

V.: Conselheira a senhora era, n? Mas da diretoria mesmo não. Chegou a trabalhar, né?

G.: Qual que é a diferença que a senhora vê hoje, da enfermeira daquela época que a senhora formou e da enfermeira de hoje?

Y.: Hoje, eu vejo a diferença, a diferença é que a enfermeira de hoje é uma intelectual, sabe? Ela é uma, uma espécie de..., nem das mulheres. Não são igual as de hoje, igual as antigas. Foi tudo igual. Enfermeira se elevou numa altura que não é, que não mexem com enfermagem mesmo. Não mexe com enfermagem, com a doença não mexem. Eu vejo que elas mexem com tudo, menos com enfermagem, menos com doença. Não acha, não é não? A não ser as que trabalham no hospital, que trabalham na U.T.I., n? São, são, diretoras, inspetoras. Mas fora disso, as outras não fazem estágio, né? Não passam... Nem sei o que elas fazem no estágio!

V.: Enquanto alunas?

Y.: É. Não sei, não sei. Por que quando eu fazia, o serviço de auxiliar de enfermagem é o que a gente fazia. A gente fazia tudo.

V.: E tinha auxiliar na época?

Y.: Não tinha.

V.: Da senhora não tinha. O enfermeiro é que fazia tudo.

Y.: É, o enfermeiro é que fazia tudo.

G.: Não tinha auxiliar?

Y.: Não. Tinha as enfermeiras práticas.

V.: E a convivência com essas enfermeiras práticas, com as... Vocês já formadas?

Y.: Não, não tinha.

V.: Não tinha problema?

Y.: Não. Elas compreendiam, né? A gente já ia ensinando a elas, já ia fazendo amizade com elas, né? Não punham elas inferior não, mas valorizavam o serviço da gente. A gente sabia que elas tinham um valor, tanto quanto o da gente, uai! E elas sem saber nada, ignorantes, coitadinhas, fazendo tudo que a gente ia fazer. Estudando tudo, né? Elas tinham o mesmo valor que a gente tinha, não acha? Eu acho que tinha.

V.: Certamente. A senhora se lembra da época da criação do Conselho Regional de Enfermagem? Chegou, a senhora chegou a se inscrever?

Y.: Não, não lembro.

V.: Aposentou antes?

I.: Não, eu não me lembro não. Eu me lembro que eu tenho, aposentei em... Ah!, já tem muitos anos. Já tem uns 20 anos.

V.: Ah, não tinha COREn [Conselho Regional de Enfermagem] ainda?

I.: Não, não tinha COREn. COREn foi depois da ABEn. E tal de COREn e tal de ABEn, eu não entendo. [barulho, cachorro latindo] Pra que tem isso. O quê que isso vale pra gente? Pra vocês que estão na ativa.[cachorro latindo alto]

G.: Dona Yolanda, nós vamos interromper, né?

V.: Depois a gente responde a senhora fora da gravação.

G.: A gente agradece a senhora. Ou a senhora quer falar mais alguma coisa?

Y.: Não, vocês que sabem. Se vocês quiserem mais alguma coisa.

V.: Como é que é a vida da senhora hoje? Como é que foi depois de formada, depois de aposentada?

Y.: Ah, foi a mesma coisa. Eu sempre fui enfermeira de todo mundo, né? Da família toda, né?

V.: E continua?

Y.: Continua a mesma coisa. Agora, com esse braço... (mostrando o braço quebrado).

V.: Me conta. Como é que quebrou o braço. Como é essa história?

Y.: Levei um tombo (riso).

V.: A senhora ficou...?

Y.: Acho que vou morrer de tombo (risos).

V.: A senhora anda ainda, ainda vai na rua?

Y.: Faço tudo. Não paro de fazer nada.

V.: Em casa a senhora faz de tudo. Quer dizer, ajuda né? Por que tem alguém que ajuda.

Y.: Vou dar um licorzinho, vocês gostam de um licorzinho?

*[FINAL DA ENTREVISTA]*

Ficha Técnica

Data de Entrevista: 18 de março de 1996

Local da Entrevista: Residência da entrevistada, Belo Horizonte

Número de fita: 01

Duração da entrevista: 60 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos